

A relevância da publicação científica

Tânia Torres Rosa

Professora da Universidade Católica de Brasília e da Universidade de Brasília

O ser humano vem espontânea e compulsivamente comunicando suas descobertas, de todo tipo, desde sempre. Inscrições e figuras rupestres em todos os continentes; mensagens e desenhos em túmulos antigos, principalmente de pessoas importantes socialmente em suas respectivas épocas, como os faraós do Egito e alguns membros de dinastias chinesas ancestrais; inscrições e figuras em papiros, como as revelações bíblicas da religião católica e outros princípios de outras diferentes religiões; em variados tipos de papel, como foi o caso de enciclopédias seculares, tradicionais, que eram tidas como referência do saber e ocupavam espaços grandes e nobres nas estantes de livros de escolas e de casas por séculos e ultimamente temos registrado tudo em uma infinidade de mídias digitais.

Passamos da utilização da comunicação de nossos feitos em modo real para o virtual de forma surpreendentemente rápida, comparada com a evolução desses métodos citados e com uma naturalidade que faz parecer que já esperávamos um método simples, eficaz e duradouro, quase perene em nossas dimensões do tempo, para que nossos registros vivessem muito além de nossa curta existência. Na verdade sempre foi essa a intenção dos comunicadores.

Cientistas dos quatro cantos do mundo não fugiram à regra e também

fizeram seus registros especiais e socializaram seus saberes ao longo de muitos séculos. É por isso que se pode praticar até hoje a medicina oriental, algumas especialidades como a acupuntura, que se conhecem os feitos do grande Leonardo da Vinci, de Galileu Galilei, do Médico Michel de Nostradamus, com suas profecias inexplicáveis e tão atuais, só para citar alguns exemplos de outras eras.

Esses registros são tão importantes que podemos afirmar, a título de exemplo, que se Isaac Newton não houvesse passado por meio de escritos toda sua teoria sobre a Lei da Gravidade, Albert Einstein não poderia ter chegado à teoria das leis da relatividade e nós não conheceríamos o mundo como ele é hoje, como foi e como será, do ponto de vista científico.

A universidade moderna, seguindo os prepostos das antigas, congrega uma comunidade com a obrigação de promover o tripé: ensino, a extensão de serviços à comunidade e a pesquisa, ou criação de conhecimento. A evolução dessas três funções conta a história de toda a existência humana, dos outros animais, dos vegetais e dos minerais, enfim de nosso planeta, como o conhecemos, o que torna a comunicação uma obrigação no mesmo nível do tripé clássico.

A Medicina, como todas as ciências, se fez, e continua se fazendo, por elaboração

de compêndios, propondo teorias e as reafirmando, modificando-as, ou rejeitando-as, por meio de análises de comunicações científicas elaboradas ao longo de sua história. Chegamos muito longe, descobrindo e comunicando a todos, os códigos que permitem a existência de vida humana e como esses códigos alterados podem resultar em doenças ou condições de agravo à saúde: a descrição do genoma humano.

E como é possível que conheçamos essa existência; que nos conscientizemos de nosso papel nessa cadeia de eventos e contemporaneidade de espécies e coisas que compõem este mundo? Como entender essa complexidade epistemológica ao longo do tempo? Só podemos realizar isso utilizando meios de comunicação, que se tornaram motor contínuo de um progresso de ações conscientes, apropriando-se da experiência pregressa e caminhando na direção do conhecimento em qualquer parte do mundo, em tempo real, criando associações em configuração de teia, ou em rede, ou mesmo em nuvem, como fazemos na rede mundial de computadores, a internet, que concretiza, ou melhor dizendo "virtualiza", essa atividade social humana global.

Manter a chama dessa comunicação acesa é obrigação de todos, mas competência de alguns, que dessa forma se tornam responsáveis por levar adiante a luz que nos guiará como raça pela eternidade do tempo/espço a que pertencemos. Manter qualquer veículo de comunicação funcionando e cumprindo seu papel de socializar conhecimento e instigar a marcha progressiva para se adquirir novos saberes é missão nobre, dentre as tarefas que temos como humanos. Assim entendemos o contexto de nossa publicação virtual: a Revista de Medicina e Saúde de Brasília. Humildemente, somos uma gota num oceano de informações científicas e culturais. Oceano este composto de infinitas gotas. Somos uma dessas e nessa visão apresentamos este nosso novo número.

Aproveitem a leitura, como quem saboreia um prato raro e delicioso: com muito prazer. E mantenham o espírito aberto para que possam ser provocados a também comunicar aqui suas opiniões, descobertas, previsões, análises e dessa maneira comporem efetivamente o caldo científico e cultural da humanidade em um de seus inumeráveis modos de expressão. Modestamente, mas com relevância.